



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA
PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA – PB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB – IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO
À DISTÂNCIA**

ANA CLAUDIA NUNES DO NASCIMENTO

**A ESCRITA DO GÊNERO DIÁRIO E O APRENDIZADO DO PORTUGUÊS
COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS**

**JOÃO PESSOA – PB
2020**

ANA CLAUDIA NUNES DO NASCIMENTO

**A ESCRITA DO GÊNERO DIÁRIO E O APRENDIZADO DO PORTUGUÊS
COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS**

TCC – Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo João Pessoa, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos, sob a orientação do Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros.

JOÃO PESSOA – PB
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

N244e	<p>Nascimento, Ana Cláudia Nunes do.</p> <p>A escrita do gênero e o aprendizado do português como segunda língua para surdos / Ana Cláudia Nunes do Nascimento. – 2020. 15 f.</p> <p>Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Diretoria de Educação a Distância. Orientador: Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros</p> <p>1. Língua portuguesa – Escrita. 2. Gênero do discurso. 3. Aprendizagem. 4. Educação de surdos. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 811.134.3:376</p>
-------	--

ANA CLAUDIA NUNES DO NASCIMENTO

**A ESCRITA DO GÊNERO DIÁRIO E O APRENDIZADO DO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA
PARA SURDOS**

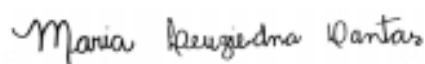
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora, do
Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia
da Paraíba (IFPB), para obtenção do título
de Especialista em Ensino de Língua
Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

João Pessoa, 15 de Dezembro de 2020.

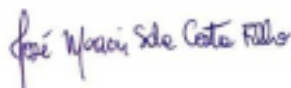
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros
Orientador(a) – IFPB



Prof.(a.) Dra. Maria Leuziedna Dantas
Avaliador(a) – IFPB



Prof. Dr. José Moacir Soares da Costa Filho
Avaliador(a) – IFPB

Resumo

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa que traz em sua temática o aprendizado de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos através do gênero diário. Em nossa problemática, buscamos compreender como a escrita do gênero diário pode motivar o aluno surdo no aprendizado do Português como segunda língua. Para responder a essa problemática, traçamos como objetivos compreender a relevância da escrita do gênero diário para o ensino do Português como segunda língua; refletir sobre a importância dos gêneros textuais no aprendizado de uma segunda língua; discutir sobre a relevância da produção do gênero diário para o aprendizado do aluno surdo e compreender a produção do diário como motivação para a escrita. Nossa metodologia pautou-se na pesquisa bibliográfica, visto que realizamos a reflexão sobre dois artigos que abordam o gênero diário. Como aporte teórico, consideramos as discussões de Bakhtin (1997), de Cunha (2007), Bortolazzo (2010), Pozzani e Steffler (2016), Reis (2012), que nos trazem um olhar sobre o gênero diário; Strobel (2009), Fernandes (2006) e demais autores. Ao refletirmos sobre a pesquisa, compreendemos que o gênero diário é de grande valia no aprendizado de Português para o surdo, visto que a escrita desse poderá auxiliar no processo de transição entre a coloquialidade e formalidade, além do desenvolvimento do léxico e a aprendizagem de outros gêneros.

Palavras-chaves: surdo; gêneros do discurso; gênero diário; Português; escrita.

Abstract

The present work is part of a research that brings in its theme the learning of Portuguese as a second language for the deaf through the daily genre. In our problem, we seek to understand how the writing of the daily genre can motivate the deaf student in learning Portuguese as a second language. To answer this problem, we set out as objectives to understand the relevance of writing of the daily genre for the teaching of Portuguese as a second language; reflect on the importance of textual genres in learning a second language; infer about the relevance of the production of the daily genre for the learning of the deaf student and understand the production of the diary as motivation for writing. Our methodology was based on bibliographic research, since we conducted the reflection of two articles that address the daily genre. As a theoretical contribution we consider the discussions of Bakhtin (1997), Cunha (2007) Bortolazzo (2010), Pozzani and Steffler (2016), Reis (2012), who bring us about the daily genre; Strobel (2009), Fernandes (2006)) and other authors. When reflecting on the research, we understand that the daily genre is of great value in learning Portuguese for the deaf, since the writing of this can be guided by colloquiality and from then on develop the lexicon, formality and the learning of others genders.

Key words: deaf; genre; journal; Portuguese; writing.

1. Introdução

Ao pensarmos sobre o ensino de Língua Portuguesa para surdos como segunda língua, nós refletimos sobre qual seria a melhor estratégia para realizá-lo. Pautando-nos na visão interacionista/dialógica, compreendemos que o ensino de língua está envolto por questões sociais, históricas e culturais. Corroborando esses pontos, também nos atemos ao Letramento, pois compreendemos que o ensino de língua por intermédio de gêneros discursivos e contextos sociais oportuniza um ensino significativo.

Diante do exposto, este trabalho traz em sua temática o aprendizado de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos através do gênero diário. Acreditamos na relevância do tema, visto que, este trabalho foi realizado na Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua para Surdos, assim sendo, requer que venhamos a verificar metodologias, bem como estratégias que elucidem o ensino do Português escrito para surdos.

Com relação ao gênero escolhido, que é o diário, levantamos a seguinte problemática: Como a escrita do gênero diário pode motivar o aluno surdo no aprendizado do Português como segunda língua?

Mediante isso, objetivamos compreender a relevância da escrita do gênero diário para o ensino do Português como segunda língua. Também objetivamos refletir sobre a importância dos gêneros textuais no aprendizado de uma segunda língua; inferir sobre a relevância da produção do gênero diário para o aprendizado do aluno surdo e compreender a produção do diário como motivação para a escrita.

Nosso trabalho aborda uma metodologia voltada à pesquisa bibliográfica. Em nossa fundamentação teórica, trazemos Bakhtin (1997), ao tratarmos dos gêneros do discurso. Compreendendo a importância do Letramento, da visualidade e da Língua de Sinais, trouxemos no tópico “aquisição da escrita pelos surdos”, das autoras Strobel (2009), Fernandes (2006) e fazemos menção a Soares (2009). Ao abordarmos o gênero diário, apontamos duas pesquisas produzidas por Cunha (2007) e Pozzani; Steffler (2016).

Delineados os objetivos do artigo, destacamos que o gênero diário é de grande utilidade para o ensino de Língua Portuguesa para surdos como segunda língua, visto que o aluno partirá de sua vivência para realizar a produção textual, sem muitas preocupações formais, sendo possível partir de uma prática cotidiana, para então, ir expandindo seu léxico e outros conhecimentos sobre a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita.

2. Metodologia

Nossa metodologia foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica, que, como vemos em Gil (1999), desenvolve-se através de materiais que já foram elaborados, nos quais se incluem os livros e artigos. De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p.183), a finalidade da pesquisa bibliográfica “é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”.

Em vista disso, ao buscar o *corpus* da nossa pesquisa, através do portal *Google Acadêmico*, nós, a priori, selecionamos as palavras: “surdo” e “gênero diário”, posteriormente, deixamos a pesquisa mais ampla em busca de mais resultados, uma vez que, apesar de encontrarmos pesquisas com gêneros textuais e alunos surdos, notamos uma escassez com relação ao ensino ao surdo através do gênero diário. Em face disso, ao realizar a pesquisa com as palavras “gênero” e “diário” selecionamos dois artigos, os quais são de pesquisas com o referido gênero, contudo, com ouvintes.

Para nortear nosso trabalho, apresentamo-la da seguinte forma: primeiro, discorreremos brevemente sobre os gêneros do discurso, baseado nos pressupostos de Bakhtin, para refletirmos sobre a sua relevância. Em seguida, buscamos compreender sobre a aquisição da escrita pelo surdo de acordo com suas especificidades; posteriormente, discutimos sobre o diário íntimo e refletimos sobre como esse pode ser um agente motivador no aprendizado de Português para surdos.

3. Fundamentação Teórica

Os gêneros do discurso estão presentes em nosso cotidiano. Por onde quer que passemos, podemos nos deparar com anúncios, jornais e demais gêneros. Os gêneros discursivos são muito importantes para a comunicação. Além disso, eles são de grande relevância no ensino e aprendizagem de línguas.

Considerando a pertinência dos estudos dos gêneros do discurso, neste trabalho, abordaremos o gênero diário. Como aporte teórico, teremos por base os trabalhos de Bakhtin (1997). Além disso, também traremos as discussões de Cunha (2007), Bortolazzo (2010), Pozzani; Steffler (2016), Reis (2012), que nos trazem sobre o gênero diário, Strobel (2009), Fernandes (2006) que abordam a cultura e o ensino ao surdo, entre outros autores que dialogam e trazem acréscimos pertinentes acerca do tema abordado.

3.1. Gêneros do discurso: um olhar bakhtiniano

Enveredar-se pela teoria bakhtiniana é ir ao encontro do enunciado, do dialogismo, dos gêneros do discurso e muitos outros conceitos. Compreender tais conceitos é de grande relevância para o processo de ensino aprendizagem de língua, pois aponta para uma perspectiva interacionista, no sentido de que aprender uma língua implica muito mais que a apreensão do código. Trata-se de um processo que envolve o jogo entre sujeitos situados no tempo e no espaço, coordenando-se de acordo com os gêneros discursivos.

Com relação ao enunciado, Bakhtin (1997, p. 280) nos traz que, é através desse, que a língua é efetuada. Em outras palavras, a nossa língua, a nossa interação é realizada através de enunciados. Acerca disso, o autor nos diz que:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional.

No tocante à construção do enunciado, o autor nos apresenta três pontos, que são: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Proveniente dos enunciados, temos os gêneros do discurso. Como vemos em Bakhtin (1997), os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais são elaborados por esferas de utilização da língua. O autor também nos diz que esses gêneros possuem riqueza e variedade que são infinitas, visto que a atividade humana é inesgotável.

Logo, se refletirmos sobre a inesgotabilidade da atividade humana e a infinita variedade dos gêneros do discurso, concluímos que os gêneros podem cair em desuso, como também podem surgir gêneros novos. Podemos considerar as questões tecnológicas e também as necessidades comunicativas, as quais possibilitam novidades. Isso é possível, pois “cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Relacionando essa discussão ao objeto de estudo que apresentamos, podemos compreender que o diário, na condição de gênero da atividade privada, permite que se estabeleça uma relação mais estreita entre o sujeito surdo e a escrita do Português como segunda língua. O diário demarca um espaço no qual registros pessoais e memórias afetivas se localizam, permitindo que o surdo vivencie a Língua Portuguesa de modo mais livre, tornando-se o leitor

primordial de seu próprio texto. Defendemos o diário, não como uma ferramenta imposta ou mecânica, mas como uma estratégia de contato mais íntimo entre o surdo e sua segunda língua, de modo que ele possa vislumbrar sua própria trajetória na escrita.

3.2. Aquisição da escrita pelos surdos

O aprendizado do Português ocorre de maneira diferenciada do surdo para o ouvinte, visto que esses possuem aspectos que os diferem. A Língua Portuguesa é uma língua oral-auditiva, contudo, o aprendizado dessa língua para o aluno surdo vai se pautar pela aquisição da leitura e da escrita. Isso deve ocorrer não por métodos orais, e sim, visuais, pois “a constituição dos sentidos na escrita pelas crianças surdas decorrerá de processos simbólicos visuais e não auditivos” (FERNANDES, 2006, p. 12), visto que os surdos “percebem o mundo através de seus olhos” (STROBEL, 2009, p. 41).

Sobre a aquisição da escrita pelos surdos, Fernandes (2006, p. 9) nos diz que:

Desde os primeiros contatos com a escrita, as palavras serão processadas mentalmente como um todo, sendo reconhecidas em sua forma ortográfica (denominada rota lexical), serão “fotografadas” e memorizadas no dicionário mental se a elas corresponder alguma significação. Se não houver sentido, da mesma forma não houve leitura.

Além do aspecto visual, o ensino de Português para o surdo deve pautar-se no contexto de uma segunda língua, uma vez que os sinais caseiros e a Língua de Sinais são a referência do surdo. Fazemos menção aos sinais caseiros, por considerarmos que muitos surdos chegam a escolas sem conhecimento da Língua de Sinais, porém, a sinalização é inata ao surdo, pois, embora não saiba a Língua de Sinais, esse normalmente busca a interação social por meio de sinais caseiros. Assim sendo, consideramos que a Língua de Sinais é um ponto de grande importância para que o aprendizado seja significativo e respeitoso. Logo, a Língua de Sinais é considerada sua primeira língua e o Português sua segunda.

Desde cedo o surdo está envolto na Língua Portuguesa, a qual é encontrada em todos os contextos sociais, pois é a língua majoritária no Brasil e, justamente por essa estar em vários contextos sociais, acreditamos que o ensino dessa língua deve pautar-se pelo viés do Letramento, enfatizado por Soares (2003) e demais autores.

Corroborando esse pensamento, Fernandes nos diz que:

Aprender o Português decorrerá do significado que essa língua assume nas práticas sociais (com destaque às escolares) para as crianças e jovens surdos. E esse valor só poderá ser conhecido por meio da Língua de Sinais. O letramento na Língua Portuguesa, portanto, é dependente da constituição de seu sentido na língua de sinais (2006, p. 6).

Dessa forma, vemos que o aprendizado do Português, se realizado considerando os aspectos visuais, com a utilização da Língua de Sinais e caracterizada como segunda língua, poderá ser adquirido de modo significativo.

Assim, ao ressaltarmos o Letramento como viés de aquisição da Língua Portuguesa pelo surdo, estamos colocando no centro o contato com os diversos gêneros, considerando-os como formas históricas que definem os padrões de interação. Quanto mais o surdo conhecer os gêneros escritos do Português, maior será seu repertório para interagir nas situações sociais.

3.3. Gênero diário: um olhar sobre as pesquisas

Ao pesquisarmos sobre artigos que abordassem o gênero diário no ensino ao surdo, notamos uma escassez de pesquisas sobre o assunto. Em face disso, selecionamos dois artigos que abordam o gênero diário no contexto do ouvinte.

O primeiro, intitulado “O gênero diário pessoal: contexto e interdisciplinaridade no estudo da obra Diário de Anne Frank”, escrito por pesquisadoras na área das Letras, trata-se de um projeto de pesquisa realizado com alunos do Ensino Fundamental II. O projeto teve como objetivo aprimorar a prática discursiva através do gênero diário pessoal e foi utilizada a obra O diário de Anne Frank para leituras e discussões. A proposta foi situada em 4 módulos que abordavam questões linguísticas e familiares, as quais resultaram em debates reflexivos.

As pesquisadoras propuseram que todos os alunos escrevessem seus próprios diários. De início, havia 21 alunos. Por fim, 15. Ao término do projeto, os alunos deveriam entregar seus diários produzidos durante o período do projeto. As pesquisadoras ressaltam que os alunos poderiam, ou não, autorizar as professoras a realizarem a leitura dos textos produzidos.

Diferentemente do primeiro, no segundo artigo, intitulado “Do baú ao arquivo: Escritas de si, escritas do outro”, produzido pela pesquisadora na área de História, vemos a análise de 12 diários escritos por duas jovens, entre 14 e 22 anos de idade, residentes em Florianópolis (SC), entre 1964 e 1974. Nos diários, as jovens trazem fatos de seu cotidiano expondo também as questões religiosas e políticas vividas naquele período.

Em face da observação das pesquisas aqui destacadas, podemos refletir que a produção de diários pessoais é uma prática de longa data. De acordo com Cunha (2007), essa prática era realizada pela burguesia e a classe popular ficava excluída, visto que o acesso à educação não era para todos. Além disso, o diário era um gênero normalmente taxado como feminino, contudo, é uma prática que pode ser realizada por qualquer pessoa, visto que consiste em uma prática discursiva, cujo objetivo é registrar memórias e reflexões pessoais estabelecendo uma interlocução na qual o autor é o principal leitor de sua produção.

Vemos que, com a internet e o avanço dessa, outros gêneros foram sendo explorados. O *blog* é um gênero em formato do gênero diário, contudo, realizado em outro suporte. Além do *blog*, outros gêneros como o *story* das redes sociais e as próprias fotografias constroem outro tipo de relação com a prática do diário, uma vez que os sujeitos rompem a barreira entre o público e o privado relatando seu cotidiano por meio de diferentes linguagens.

Ao refletirmos sobre a importância da escrita do diário para o aluno, podemos ver que esse possui uma riqueza imensa que oportuniza ao aluno realizar reflexões sobre momentos vividos em vários âmbitos. Como vemos em Martelozo; Barbieri (2016), ao produzir um diário, não há uma extrema preocupação com a linguagem utilizada, logo, a escrita muitas vezes é realizada de forma coloquial, espontânea e com gírias. Isso não significa, no entanto, que a escrita do diário é inferior a outros gêneros, pelo contrário, ressaltamos esse gênero em nosso estudo porque compreendemos que a expressão de si por meio da escrita alicerça a confiança do indivíduo. No caso, do surdo, que está lidando com uma escrita em outra língua, a prática de escrever diário registra sua história com a própria escrita possibilitando recuperar memórias, eventos e opiniões por meio do texto.

Para os alunos que estão a aprender uma segunda língua, como o surdo, uma escrita que não requer uma total preocupação na forma poderá motivá-lo a escrever e proporcionará um exercício de escrita sem anseios, sendo possível compreender que a escrita não se apresenta como uma atividade homogênea, mas varia de acordo com os gêneros.

Além disso, através do diário íntimo, o aluno poderá exercer autonomia, expressar subjetividades, pois por meio da escrita de si “o autor se explica e se constrói a si mesmo, confronta-se com seus projetos de vida, suas escolhas, suas prioridades que são fixadas por ele mesmo ou que se impõem pela educação” (CUNHA, 2007, p. 50).

Corroborando acerca dos gêneros e estilos íntimos, Bakhtin nos diz que:

Os gêneros e os estilos íntimos repousam numa máxima proximidade interior entre o locutor e o destinatário da fala (no limite, numa espécie de fusão entre eles). O discurso íntimo é impregnado de uma confiança profunda no destinatário, na sua simpatia, na sensibilidade e na boa vontade de sua

compreensão responsiva. Nesse clima de profunda confiança, o locutor desvela suas profundezas interiores (BAKHTIN, 1997, p. 324).

Em outras palavras, podemos afirmar que, ao escrever o diário íntimo, o aluno poderá se doar a essa escrita relatando desejos, emoções, sonhos, tristezas, raiva, enfim, expressar-se.

Além do texto escrito, na autoria de diários são incluídas “fotos, imagens, figuras, bilhetes, anotações, poesias” (POZANNI; STEFFLER, 2016, p. 8). Esses elementos demonstram, como apontam as autoras supracitadas, a possibilidade de um gênero dentro de outro gênero, o que é considerado um hibridismo. Dessa forma, podemos inferir que através de estratégias metodológicas o professor poderá tomar por base o gênero diário para trabalhar outros gêneros. Além disso, pode se valer do uso de recursos multimodais. Nessa direção, retomamos a ideia dos gêneros digitais como alternativas atraentes para os surdos, dado que esses gêneros abrigam práticas multimodais combinando palavra, imagem, imagem em movimento.

Acreditamos que o uso de imagens e demais elementos multimodais na construção do diário do surdo é um aspecto motivador, pois, como nos traz Faria (2014, p. 23), “a elaboração de um texto vai muito além do registro gráfico” e, para o surdo, a experiência visual, assim como o uso da Língua de Sinais são de grande importância. De acordo com Fernandes (2006, p. 13), os “sujeitos surdos estabelecem com a escrita uma relação de natureza essencialmente visual, cuja negociação de sentidos passa pela mediação de uma língua de modalidade visual-espacial”.

Do ponto de vista do processo de ensino e aprendizagem do Português como segunda língua pelo surdo, compreendemos que o diário demonstra um grande potencial para envolver os alunos surdos no processo de aquisição da escrita. Ao inserir esse gênero em seu planejamento, o professor cria um espaço de confiança e de afirmação da identidade do aluno, à medida que o impulsiona a escrever de formas diversas: tanto para si quanto para o outro, experimentando formas de construir sua memória em outro código, além de estabelecer uma conexão com outros gêneros digitais que se aproximam das redes sociais. Dado o espaço do artigo, não pretendemos exaurir essa discussão didática, mas reconhecemos sua relevância para uma abordagem mais voltada para o letramento e para a interação.

4. Considerações finais

Diante do estudo realizado e, voltando-nos para o contexto do aluno surdo, concluímos que o aprendizado de uma segunda língua para surdos torna-se significativo, quando esse considera o contexto social. Isso ocorre através dos gêneros do discurso e considera as especificidades do aluno surdo. Assim, a leitura e a escrita poderão ter mais sentido para o aluno.

Ao aprender uma língua por meio de gêneros do cotidiano, como é o diário, vemos que esse torna-se motivante, visto que o aluno poderá utilizar uma linguagem cotidiana, tal qual esse usa nas interações do cotidiano, nas redes sociais por exemplo.

Como vimos nas pesquisas apresentadas, a escrita de diário é uma escrita de si, que promove a auto reflexão e permite ao autor do gênero perpetuar um repositório de memórias.

Através do gênero diário, o aluno surdo pratica a leitura e a escrita da língua, permitindo assim, uma expansão lexical, além de explorar outros gêneros, visto que através do diário é possível fazer o hibridismo. Assim sendo, o aluno poderá partir de uma linguagem coloquial para uma linguagem formal.

Por fim, e agora voltando-nos aos educadores, compreendemos que o professor, ao propor o ensino através do gênero diário, deverá em sua proposta considerar a modalidade e abordagem de ensino ao surdo, que é diferente da do ouvinte. Além disso, deverá compreender suas especificidades promovendo um ensino pautado no uso da Língua de Sinais e através de aspectos visuais, além de considerar que o Português é a segunda língua desse aluno e não a primeira. Ao propor a atividade, o professor poderá promover aos alunos a indicação de outros suportes, além de promover o estímulo de elementos multimodais. Um exemplo é propor a escrita do diário nos documentos do *google*, assim o aluno pode explorar outros recursos para o texto e poderá manter a leitura apenas para si, mas também poderá compartilhá-la.

Referências

- ARAÚJO, C. C. M; LACERDA, C. B. F. de. Esferas de atividade simbólica e a construção de conhecimento pela criança surda. **Rev. bras. educ. espec.** [online]. 2008, vol. 14, n. 3, pp.427-446. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382008000300007&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 10 mai. 2020.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BORTOLAZZO, M. **A aventura da escrita: a produção do diário como instrumento didático pedagógico ou de como as crianças escrevem e tecem considerações sobre o ato de escrever**. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Claro: 2010.
- CUNHA, M. T. S. Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro. **Patrimônio e Memória** (UNESP. Online), v. 3, p. 1-18, 2007.
- FARIA, E. M. de B. Práticas de letramento na aquisição da escrita: um olhar sobre a mudança de paradigmas na aquisição. In: PEREIRA, R. C. M. **Práticas de leitura e escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos**. 2 ed. Editora UFPB, João Pessoa, 2014.
- FERNANDES, S. F. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos**. Curitiba: SEED, 2006.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos da produção de sentido. **Revista do Gelne**, ano 1, n. 1, 1999.
- _____. Compreensão de texto: Algumas reflexões. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O Livro Didático de Português: múltiplos olhares**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- POZZANI, G. M; STEFFLER, J. C. B. O gênero diário pessoal: contexto e interdisciplinaridade no estudo da obra Diário de Anne Frank. In: HASPER, R; GILIAN, C. B; MULLER, C. C. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor**. PDE, 2016. Curitiba: SEED – Pr., 2018.
- REIS, V. S. A Definição do Diário como um Gênero: Entre Diário Intimo e o Diário de Aprendizagem. **Veredas** (online), v. 16, p. 120-132, 2012.
- SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. 26a Reunião Anual da Anped. Poços de Caldas – MG, 2003.
- STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura Surda**. Ed. rev. Florianópolis: UFSC, 2009.